

AS RELAÇÕES ENTRE O
HUMANO E OUTROS SERES
DA NATUREZA NA
LÍTERATURA PRODUZIDA EM
MATO GROSSO NO SÉCULO
XX E INÍCIO DO XXI

*RELATIONS BETWEEN
HUMAN BEINGS AND OTHER
IN NATURE IN MATO
GROSSO'S LITERATURE
PRODUCED IN CENTURY XX
AND BEGINNING OF XXI*

**Marta Helena Cocco
(UNEMAT)¹**

¹ Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT. – Câmpus de Tangará da Serra. martacocco@uol.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta alguns textos da literatura produzida em Mato Grosso, do século XX ao início do século XIX, em que se observam os modos como o ser humano se relaciona com outros seres da natureza. Esses modos variam no tempo e entre sujeitos, representados pelas vozes presentes nos textos, mostrando concepções de espaço que variam do idílio, local a ser dominado ou de integração entre todos os seres. Observamos, também, que as relações estão vinculadas a questões econômicas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura em Mato Grosso. Natureza. Espaço.

ABSTRACT: This article provides some texts of literature produced in Mato Grosso, in twentieth century to early nineteenth century, we observe the ways in which humans relate to other beings of nature. These modes vary in time and between subjects, represented by the voices present in the texts, showing conceptions of space ranging from idyllic, location to be dominated or integration among all beings. We also noted that relationships are linked to economic issues.

KEYWORDS: Literature in Mato Grosso. Nature. Space.

A literatura- arte e conhecimento - permite-nos, entre tantas coisas, a avaliação do modo como o ser humano tem se relacionado com outros seres da natureza em diferentes momentos históricos. Houve momentos, no caso do Brasil, em que a literatura supriu lacunas deixadas por outros campos do saber para dar conta das experiências humanas, conforme Antônio Cândido: “Diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito.” (CÂNDIDO, 2000, p. 130). Nessa perspectiva, este artigo pretende mostrar como a literatura produzida em diferentes momentos do século XX e início do XXI em Mato Grosso apresenta as relações entre os humanos e outros seres da natureza. Salientamos

que este é um estudo inicial e panorâmico, que pode servir de base para maior aprofundamento, mas, por hora, a intenção é apenas apresentar uma amostra dessas relações.

Fazendo uma abordagem cronológica (levando em conta a data da publicação dos textos, com a ressalva de que alguns são extraídos de edições posteriores), mas sem tomar os textos como representativos de uma temporalidade, porque sabemos que há vozes dissonantes numa mesma época, iniciaremos por um poema de autoria de Dom Aquino, publicado originalmente em 1919. Como não tivemos acesso ao original, recorreremos à historiografia de Hilda Magalhães, publicada em 2001.

Cuiabá

Sob os flabelos reais de mil palmeiras,
tão verdes, sombranceiras
e lindas como alhures não as há,
sobre alcatifas da mais verde relva,
em meio a verde selva
eis a 'cidade verde': Cuiabá!

Guardam-na, frente a frente, quais gigantes
eternamente amantes,
os seus dois morros, e tão verdes são,
que até refletem plácidos verdores
nos lares cismadores,
que enchem do vale a plácida mansão.

[...]

Passa! ... E na calma do horizonte verde,
Que além no azul se perde,
Ela adormece ao ósculo fugaz
Centrando a barcarola
Infinita dos beijos e da paz.
(Dom Aquino em: MAGALHÃES, 2001, p. 45)

A natureza é representada, nesse poema, como um idílio, a paisagem é romantizada e o adjetivo verde, repetido várias vezes, reitera a proposta de fixar a imagem de Cuiabá como cidade verde², salientando como seu principal aspecto, a exuberância da natureza. A ausência do elemento humano, no texto, pode ser interpretada como distanciamento do ser que observa a natureza, numa atitude romântica de contemplação. Sua subjetividade está na caracterização dos elementos da paisagem, mas não há a inserção da primeira pessoa (singular ou plural) do discurso nem de formas verbais cuja desinência a indicariam.

Tanto nesse como no poema seguinte, publicado em 1904, está evidenciada a concepção de mundo proposta por Descartes, que o dividia em duas partes: o mundo material X o pensamento e a razão, com a premissa de que a razão dominaria o corpo e exerceria supremacia sobre a emoção. Dessa concepção resulta o racionalismo cartesiano que prevê uma distância entre o ser humano e os outros seres da natureza, inclusive justificando a sua dominação, como vemos nos versos a seguir, do mesmo autor, destacando, em ambos os textos, a parte formal, cuja métrica, rimas e ritmo também compõem a cena racionalista. Este poema foi extraído da historiografia de Rubens de Mendonça:

Bandeirantes

Nessa armadura arcaica e tão grosseira
De couro cru, rebrilha, em alvorada
O heroísmo que, ao sol destas douradas
Praias, vos guiou por ondas de sangueira.

Vosso rude arcabuz de pederneira
Reboa ainda as glórias alcançadas;
E há frêmitos de homéricas jornadas
Nos trapos e na cruz dessa bandeira!

Engrandecestes o Brasil, domando,
Corpo a corpo, em conflito formidando,
A mata, o rio, a peste, a fome, a guerra!

Salve, heróis! Salve humildes bandeirantes!
Fenícios do sertão! Monções errantes,
Da conquista imortal da minha terra!

(Dom Aquino em: MENDONÇA, 2005, p. 124)

Observa-se nessas estrofes, especialmente na segunda, por meio da forma verbal *domando*, a visão da natureza como algo a ser vencido e, vencê-la, seja em nome da razão, da religião, do lucro, da tecnologia, etc. fazia parte do processo de emancipação humana e da modernização (*engrandecestes o Brasil*) do país. À semelhança da idealização dos cavaleiros medievais, os bandeirantes são heróis, humildes e comparados aos fenícios, hábeis navegadores e comerciantes do mar mediterrâneo. Se recorrermos a explicações de fundo mitológico para esse tipo de atitude, pode-se dizer que ela está relacionada ao desejo de recuperação do paraíso perdido: “uma das características da restauração paradisíaca seria justamente o domínio sobre os animais, que constitui já um privilégio dos xamãs e de Orfeu.” (ELIADE, 2002, p.166).

Ainda chamam a atenção, nesse poema, os objetos de dominação do ser humano. Observa-se que os substantivos estão todos emparelhados na mesma citação: *mata, rio, peste, fome e guerra*. Está nítida aí não só a visão de supremacia do humano em relação à mata e ao rio, mas a de que esses seres precisavam ser vencidos tal qual um inimigo. Essas produções estão vinculadas a uma concepção de região como espaço de abundância, mas, também, inóspito e vazio (neste caso especial de Mato Grosso, são desconsideradas as populações indígenas que habitam o território), que precisa ser ocupado e dominado. Entrelaçada a essa concepção, está a de um sujeito (representado pelo eu lírico dos poemas) que se sente capaz de agir e dominar, o sujeito racional do Iluminismo, conforme definição de Stuart Hall (2003).

Na novela *Era um poaieiro*, de Alfredo Marien, publicada originalmente em 1944 e reeditada em 2008, percebemos, pela voz

do narrador e dos personagens, que a natureza – floresta e seres que a habitam, inclusive os sobrenaturalizados - é simultaneamente espaço de sobrevivência/riqueza e de perigos. Em alguns momentos se apresenta como idílio (aparentando uma filiação do texto à estética romântica):

O córrego verde serpenteava entre serivas, carandás, tucum-mirim e outras palmeiras que vivem sob a cúpula das grandes árvores. Trepadeiras floridas entrelaçavam-se, entre as moitas. Piavam jaós, pondo uma nota melancólica no ambiente carregado de perfumes. Brasilino alegrou-se ao descobrir enorme soveira, cujo leite correu ao pique do facão, enchendo num instante uma folha de pacova. Bebeu o que pode e deu o resto ao guará, que também gostava de leite. (MARIEN, 2008, p.71)

Em outros, como espaço hostil, onde seres indesejáveis precisam ser vencidos por questão de sobrevivência:

Com efeito, os mosquitos ali eram demais. Do alvorecer ao escurecer, eram os borrachudos cuja picada, insensível no momento, arde depois como o fogo, deixando uma bolinha de fogo debaixo da pele. (MARIEN, 2008, p. 74)

Bom!... Agora a bicha vem mesmo!... _disse Tio João, pegando a winchester e pondo logo uma bala na agulha.
_ Abra os olhos, pessoal, que a bicha...._Remede outra vez, Zé.. _rogou Brasilino. Quem sabe ela vem mesmo me visitar...Uai!
[...] Armando a carabina, o poconeano tornou a remedar a fera. (MARIEN,2008, p. 133)

Passaram a contar casos de surucucus, que perseguiram poaeiros através da mata, esperando-os ao pé das árvores em que subiam para escapar-lhes; surucucus que pareciam feitas de borrachas, zombando das mais rijas pauladas. (MARIEN, 2008, p. 137)

Uma tarde, todos os poaeiros haviam regressado, e nada do Elpídio. Ele e Chico Antonio eram geralmente os primeiros que voltavam do

serviço. Tarde da noite como ele não parecesse, concluíram que alguma coisa lhe teria acontecido. Seria onça? Cobra? Índio?... (MARIEN, 2008, p.142)

Em outros, ainda, como riqueza que deve ser preservada, sendo possível haver uma interação saudável entre a floresta e o humano:

[...] calculava que o número de poaeiros embrenhados na mata passaria de mil e quinhentos afora os clandestinos. Mostrou-se impressionado e preocupado com as queimadas provenientes da roças que alguns sertanejos ainda faziam na mata da Poaia, devastando-a. Notando o interesse de Brasilino, o fiscal explicou:

- sim senhor, seu Brasilino. É vandalismo, é crime atear incêndios que destroem léguas e léguas de mata virgem, mata riquíssima que talvez nunca mais reaparecerá. (MARIEN, 2008, p.87)

Como se vê, a relação do ser humano com outros seres da natureza em “Era um Poaeiro” é, portanto, ambivalente, pois a mata da poaia é, ao mesmo tempo, fonte de sobrevivência e de acolhida, e lugar de perigos e desafios. O espaço pode ser inóspito ou idílico. O modo como o trabalhador extrativista se identifica também é variável. Como autônomo ou empregado, ele precisa dominar a mata e extrair sua riqueza. Há aí, um misto do sujeito racional que vê os outros seres como objetos de dominação e do sujeito sem autonomia, porque suas ações decorrem de um sistema ao qual ele está submetido. Portanto, age sem refletir, e, em alguns casos, também sujeito consciente da necessidade de preservação, porque seu afeto pela floresta demonstra um sentimento de integração. A própria atividade é ambígua, porque se extrai apenas a poaia e não outros seres da floresta.

Algumas décadas depois, Silva Freire, considerado um dos ícones do movimento modernista ocorrido em Mato Grosso, em um de seus poemas marcado pela forma e linguagem prosaicas,

evidencia as diferentes posições do ser humano acerca do reflorestamento coexistindo numa mesma temporalidade, mas entre gerações diferentes.

- vamos reflorestar aquela área do Pindaivá...
 - ora papai, o senhor já está com 83 anos de idade, e madeira de lei leva uns 20 anos pra dar corte...
 - e o que são 20 anos na vida de um velho, vamos reflorestar!
- (FREIRE, 1991, p.62)

Duas visões se cruzam: a imediatista, que vê o reflorestamento como atividade econômica, por isso o tempo de maturação da madeira é importante, e a visão de perpetuação das espécies, em que o tempo e a finalidade financeira ficam em segundo plano. Entre pai e filho, varia a relação com a floresta, indicando que região pode corresponder a um projeto de dominação e extrativismo, ou a um projeto de preservação, num tempo em que os discursos a esse respeito ainda não eram incisivos como são hoje.

Sobre a ocupação da terra pelo ser humano, sob a perspectiva da dominação, Pedro Casaldáliga, em antologia publicada em 2006, apresenta outro enfoque em que as ações humanas condizem com o seu pertencimento a uma determinada classe social, de acordo com a proposição marxista. Nesse caso, uma voz lírica sobressai para representar as demais, justamente as submetidas a um processo de alienação, correspondentes aos sujeitos sem autonomia.

Recado a Gonçalves Dias

Tua terra tem palmeiras
- babaçu para exportar... –
Só não tem, Gonçalves Dias,
muito fácil sabiá.
Retirantes, como o povo,
cantarão noutro lugar?

[...]

Tua terra tem palmeiras
onde conta a Oleobrás,
onde conta a Empresobrás,
onde conta a Multibrás...
(CASALDÁLIGA, 2006, p.77)

Nesse poema paródia, os retirantes, comparados aos sabiás, estão indefesos diante dos interesses do grande capital. A terra deste tempo (o do poema) não é a mesma de Gonçalves Dias, marcada pela beleza e pela exuberância, que encontra eco no primeiro poema de Dom Aquino aqui apresentado. O texto, então, constitui-se num ‘recado’, dando conta das transformações por que passou o território brasileiro desde a data da criação do poema do exílio. A diferença entre os dois momentos históricos fica evidente nas oposições metafóricas palmeira/sabiá (do poema de Gonçalves Dias) e Oleobrás, Empresobrás, Multibrás, cuja rima com sabiá intensifica o tom irônico do texto. A região, nesse exemplo, passa a ser concebida como espaço de exploração, onde quem detém o capital e a tecnologia a domina, expulsando outros seres, inclusive os da mesma espécie.

Também Luiz Renato Souza Pinto no romance ou novela “Matrinchã do Teles Pires”, publicado em 1988, mas que se refere a períodos anteriores à colonização do norte de Mato Grosso, especialmente a década de 70, aborda o problema do grande capital que invade os espaços naturais e os aniquila. No trecho que selecionamos, há um personagem que tenta controlar sua comoção diante do desmatamento, mas é traído pelas emoções dadas a conhecer por um narrador onisciente:

Olhando para as pilhas de madeira procurou não demonstrar espanto. Eram milhares de metros cúbicos de mogno, ipê, cerejeira, cedro e outros mais. Um cheirinho gostoso de canela pairava no ar. Via sua

mãe, num lugar distante da memória, com um pauzinho, triturando uma casca para colocar no arroz doce; sobremesa domingueira. Sabia que existiam mais de mil espécies de caneleiras pelo mundo, e que a árvore dava boa madeira.

O ipê, árvore nacional por excelência, estava ali, morto, aos milhares, como soldado derrotado, deixando de brotar as lindas flores da entrada do verão para dar lugar a ripinhas que virariam móveis. Como as lenhosas tábuas de cerejeira, pesadas, que dividiam espaço com o avermelhado dos mognos, cadáveres centenários. (PINTO, 1998, p. 31)

O narrador traz à tona os sentimentos contidos da personagem, seja a memória da infância, seja o espanto diante da destruição da floresta. A escolha lexical não deixa dúvidas quanto aos sentimentos revelados: *morto*, *cadáveres* pertencem ao campo semântico da morte; *ripinhas*, no diminutivo, adquirem tom pejorativo e contrastam com as *lindas flores* que já não existirão. Cabe ao personagem assistir a tudo, resignadamente.

Nesse exemplo e no anterior, percebe-se, na voz do eu lírico (que expressa a realidade dos humanos, das árvores e dos sabiás exilados do seu espaço pela invasão do grande capital) e, na voz do narrador (que expõe o lamento da personagem diante do desmatamento) uma sensação de impotência dos sujeitos diante da realidade. Se esses sujeitos pertencem a uma classe inferior e sem poderes, o que configura uma identidade moldada pelo tecido social, por outro lado, eu lírico e narrador, ao denunciarem isso, não podem ser considerados assujeitados, embora seu poder de dizer não seja forte como o poder de mandar e de possuir o capital. A ideia de espaço é, portanto, para uns, território de exploração e, para outros, de aniquilação.

O eu lírico do próximo poema, de autoria de Lucinda Persona, publicado em 1998, explora o campo semântico da morte, da destruição e chama a atenção para os destroços, os restos, os fragmentos da ação destrutiva.

Os restos mortais do cerrado

Rajadas de um vento quente
depois das queimadas
trazem os restos mortais do cerrado
para dentro de casa. Todos os anos.
Por isso
já não me intimido mais
quando aranhas estorricadas
descem por meus cabelos
ou orquídeas em pó assomam à minha face;
quando de meus dedos pendem
abrasadoras samambaias.
Nem me assombram os bicos de seriemas
levitando pelas salas
sem os olhos
sem as penas sem as vozes.
Choro tudo: a resina o carvão
os ossos à tona das cinzas.
Choro também os homens. Todas as vezes.
(PERSONA, 1998, p. 42)

Destacam-se nesse texto a decomposição do todo em partes (seriema= bicos+penas+ vozes...) culminando na paisagem central, o cerrado, apresentado em seus restos mortais. Há uma gradação no poema que vai intensificando o tom de tristeza e lamento do eu lírico ao anunciar que esses destroços de vida não estão distantes, saíram do cerrado e entraram na casa (minha casa), por isso, o ser humano também está sendo afetado pela destruição, causada, inconsequentemente, por ele mesmo. Daí o fechamento do poema com a síntese do lamento: *Choro também os homens. Todas as vezes*. Observa-se aqui uma representação de espaço diferente da abordagem idílica. Há, aparentemente uma voz individual manifestando-se diante de um evento corriqueiro, as queimadas, e o resultado desse evento é a desintegração da natureza, inclusive a humana. O sujeito representado pelo eu lírico não se identifica com a ação de dominar e extrair.

Manoel de Barros, o mais conhecido entre os poetas citados, numa proposta ousada e inovadora, apresenta no poema a seguir, publicado em 2001, a total integração de todos os seres, não havendo supremacia de nenhum em relação a outro, o que se comprova pela ênfase em seres e objetos considerados, dentro da ótica materialista, desimportantes e inúteis.

O cisco

(Tem vez que a natureza ataca o cisco para o bem.)

Principais elementos do cisco são: gravetos, areia, cabelos, pregos, trapos, ramos secos, asas de mosca, grampos, cuspe de aves, etc.

Há outros componentes do cisco, porém de menos importância.

Depois de completo, o cisco se ajunta, com certa humildade, em beiras de ralos, em raiz de parede, ou, depois das enxurradas, em alguma depressão de terreno.

Mesmo bem rejuntado o cisco produz volumes quase sempre modestos.

O cisco é infenso a fulgurâncias.

Depois de assentado em lugar próprio, o cisco produz material de construção para ninhos de passarinhos.

Ali os pássaros vão buscar raminhos secos, trapos, asas de mosca

Para a feitura de seus ninhos.

O cisco há de ser sempre aglomerado que se iguala a restos.

Que se iguala a restos a fim de obter a contemplação dos poetas.

Aliás, Lacan entregava aos poetas a tarefa de contemplação dos restos.

E Barthes completava: contemplar os restos é narcisismo.

Ai de nós!

Porque Narciso é a pátria dos poetas.
Um dia pode ser que o lírio nascido nos monturos
empreste qualidade de beleza ao cisco.
Tudo pode ser.
Até sei de pessoas que propendem a cisco mais do que a seres humanos.
(BARROS, 2001, p. 11)

Se o cisco é infenso a fulgurâncias e há pessoas que propendem mais a cisco do que a seres humanos, pode-se ler o humano sob duas perspectivas: uma, a de que estaria tão desvalorizado que se compararia ao cisco, o que, pelo conjunto da obra, parece menos provável. Outra, a de que estaria tão elevado justamente por ter se despojado de sua mania de grandeza e superioridade em relação a outros seres e teria aprendido a lição de humildade, sem fulgurâncias, sem vaidade. Um ser da natureza como outro qualquer.

Pelos textos acima, observamos distintas maneiras de o ser humano se relacionar com outros seres da natureza, gerando diferentes concepções de espaço. Ora o espaço é inóspito, cheio de perigos, por isso necessita da coragem de homens desbravadores para dominá-lo, ora espaço é um idílio, lugar de beleza e exuberância. Nessas representações, o humano coloca-se como um ser à parte, superior e distante de outros. Depois, temos o espaço já dominado pelo humano, um lugar onde há conflitos que expõem diferentes interesses oriundos das diferentes classes sociais, em que predominam os da classe de maior poder econômico. Nesses casos, também o humano se comporta como superior a outros seres, seja explorando-os ou a serviço da exploração. Como explorado, sente-se inferior a outros humanos, em que as condições econômicas ditam a posição hierárquica. Também temos o espaço como um local ambíguo: ao mesmo tempo de destruição e fragmentação, e também de reunião das diferenças, colocadas todas sob o mesmo critério de importância. Os dois últimos poemas representam, num espaço já dominado, explorado e parcialmente destruído, uma relação diferente do humano com outros seres da natureza. Há o desejo de integração,

de convivência feliz entre todos os seres, sem hierarquização. Essa concepção, mais utópica do que real, pode influenciar e é influenciada por ações de preservação ambiental.

Com essa pequena amostragem de textos literários produzidos no século XX e início do XXI, verificamos, mesmo sucintamente, que a literatura tem cumprido a sua função de representar em diferentes momentos e com diferentes vozes, as várias formas de relação dos humanos com outros seres da natureza neste espaço denominado Mato Grosso. Essas relações constroem-se no tecido cultural, em que as disputas de poder são dinâmicas e há variação de consciência entre os sujeitos representados nos textos, em momentos históricos simultâneos ou diferentes.

Referências

BARROS, Manoel de. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Versos adversos**: Antologia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Silva. **Trilogia Cuiabana - na moldura da lembrança**. Cuiabá: Edições Universidade Federal do Mato Grosso, 1991.

GALETTI, Lylia da S. G. **Sertão, Fronteira, Brasil** – Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização – Cuiabá: Entrelinhas: EDUFMT, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 7 ed., Rio de Janeiro: PD&A, 2003.

MAGALHAES, Hilda G. D. **História da literatura de Mato Grosso – séc. XX**. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MARIEN, Alfredo. **Era um poeiro**. Cuiabá: Academia Mato-grossense de Letras/ Unemat, 2008.

MENDONÇA, Rubens de. **História da literatura mato-grossense**. 2 ed. Cáceres:Ed. Unemat, 2005.

PERSONA, Lucinda. **Ser cotidiano**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.

PINTO, Luiz Renato Souza. **Matrinchã do Teles Pires**. Cuiabá: Entrelinhas, 1998.

Nota

² Sobre esse propósito, recomenda-se a leitura do capítulo denominado “Cultura, política e identidade regional”, do livro *Sertão, Fronteira, Brasil*, de Lylia da Silva Guedes Galetti. Uma das abordagens feitas pela autora é a de que houve um grande empenho político-discursivo para criar uma identidade para Cuiabá (cidade verde), num momento de graves conflitos político-partidários que estigmatizavam Mato Grosso como espaço de barbárie.